

Uma abordagem da História Intellectual no terreno do marxismo latino-americano

An Approach to Intellectual History in the Field of Latin American Marxism

<https://doi.org/10.26512/rhh.v12i25.55151>

RUBBO, Deni Alfaro. O labirinto periférico. As Aventuras de Mariátegui na América Latina. São Paulo: Autonomia Literária, 2021

Larissa Pacheco

Universidade Estadual de Feira de Santana

<https://orcid.org/0000-0003-2178-365X>

lpbpacheco1@uefs.br

Resumo

Resenha do livro “*O labirinto periférico. As Aventuras de Mariátegui na América Latina*”, de Deni Rubbo

Palavras-chave

Marxismo; intelectuais; história da América Latina

Abstract

Critical review of the book “*O labirinto periférico. As Aventuras de Mariátegui na América Latina*”, by Deni Rubbo

Keywords

Marxism; intellectuals; history of América Latina

A trajetória intelectual de José Carlos Mariátegui (1894-1930) se formulou através de conexões entre suas experiências de lutas na periferia, a América Latina andina, com os pressupostos históricos universais das lutas de classes e do capitalismo. As suas intervenções na interpretação universal sobre a historicidade e a concretude das vivências que definem a classe subalterna, pela via do entendimento das condições de reprodução da vida, das conexões e desconexões com a expansão do modo capitalista da produção fazem parte do seu legado e compuseram o que Michael Lowy considerou ser uma das bases para a originalidade do pensamento da esquerda na América Latina, sendo Mariátegui apontado como pioneiro nesse sentido¹. A história do pensamento do peruano da região de Moquegua alimentou versões elucidativas em torno do patrimônio deixado por seus escritos e continua sendo objeto de discussão, uma tarefa da qual se ocupam tanto militantes engajados em movimentos sociais andinos e latino-americanos, como historiadores e cientistas sociais, preocupados e preocupadas em melhor explicar suas ideias como forma de disputar a compreensão de conceitos, através do conhecimento por ele despertado, circunscrevendo, até mesmo um conjunto de autores que se organizam para pensar a obra de Mariátegui como tema.

Dentre os historiadores que vêm se dedicando a esta tarefa, Deni Rubbo, provocou o debate sobre o modo como as ideias de Mariátegui forjaram controvérsias no interior e às margens do conjunto da teoria marxista para a revolução na América Latina. Ou seja, Rubbo apontou para um amplo cenário de questões que envolvem marxistas e personagens da interpretação da história intelectual na América Latina que, não necessariamente se autointitulariam enquanto tais. Esse parece ser o principal objetivo do texto de Rubbo, fruto de sua tese de doutorado e, já resenhado no Brasil, a tese, defendida em 2018, que se tornou livro, em 2021, e indica algumas tensões para o exame da difusão das leituras Mariáteguianas para o conhecimento sobre a América Latina em seu tempo, na própria conjuntura em que Mariátegui escreveu, mas, especialmente sobre o próprio modo como a intelectualidade de esquerda recebeu e promoveu a circulação de reflexões do marxista andino

¹ A referência bastante conhecida dos estudiosos da recepção da obra de José Carlos Mariátegui e seu papel na história do marxismo latino-americano está no texto da introdução de LOWY, Michael (org.) *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 4. Ed. ampl.; São Paulo: Expressão Popular, 2016, onde, na verdade, Lowy aponta para Mariátegui como o autor “mais vigoroso e original que a América Latina já conheceu” (p.19). Lowy discorda da ideia geral de Rubbo de que os escritos de Mariátegui eram ensaios jornalísticos e sugere que sejam vistos como ensaios militantes.

mais conhecido no continente. Essas dicotomias ainda merecem ser salientadas porque justamente apresentam as vias de ampliação das ideias de Mariátegui por diferentes agentes e apropriações de seu pensamento.

A produção não acadêmica de Mariátegui é acompanhada de polêmicas por conta do tratamento a ela oferecida, já que sua inclusão em um campo específico de estudos se torna bastante controverso e, talvez, tenha sido esse o motivo que levou Rubbo a procurar criar uma definição diferente para o material disponibilizado pelo peruano a respeito das lutas sociais na América Latina. Enquanto já vimos muito da discussão sobre esse produto intelectual deslocando-se para o terreno dos partidos e organizações de esquerda, o autor buscou a abordagem sobre as relações dessa obra com as Ciências Sociais. Então, aqui temos um caminho bastante frutífero para a análise do espalhamento de sua obra. Enquanto Michel Lowy não vê problemas na descrição de uma produção “militante” para que os ensaios de Mariátegui sejam observados, no âmbito das ciências sociais, Rubbo considerou a ampliação dessas fronteiras com a promoção de definições mais densas para uma classificação desses escritos. O livro traz uma lista muito completa de obras e é bastante generoso ao informar ao leitor sobre os percursos de títulos e da própria trajetória do pensador para alcançar também a reflexão sobre as ponderações de seus receptores.

A vivacidade da discussão está presente na própria divisão do livro, que conta com Michel Lowy como prefaciador. Lowy é um dos personagens estudados por Rubbo como um dos principais divulgadores da obra de José Carlos Mariátegui, que, além de tradutor, se tornou também responsável pelas seleções de recortes que promoveram um maior acesso à obra, para leitores no Brasil, além de ter ocupado um papel preponderante na consolidação do nome de Mariátegui no conjunto do pensamento da esquerda marxista na América Latina. Junto com Florestan Fernandes, Aníbal Quijano e outros sujeitos, apresentados em um levantamento consistente sobre a história da divulgação dos títulos assinados por Mariátegui. Para Rubbo, as releituras, que foram feitas na recepção da obra, as revisões dos estudos sobre os escritos do peruano, acompanham o compasso das relações conectivas entre as ciências sociais e os conflitos políticos do tempo em que se circunscrevem. Assim, trata de indicar que as relações sociais alcançaram o pensamento latino-americano e se desdobraram em imagens sobre o próprio “Amauta”. Seria possível, inclusive, recuperar, pelos rastros de seu pensamento reverberado, um novo “tecido” histórico, a ser discutido como um terreno frutífero da história intelectual da esquerda latino-americana. O autor da tese afirma que as escolhas feitas pelos leitores de Mariátegui também reforçaram imagens e são

formuladoras de interpretações sobre seu tempo, o tempo dos leitores. Inspirado na visão do “labirinto” de Gabriel Garcia Márquez, uma metáfora também explorada pelo mexicano Otávio Paz, além da influência de Otávio Ianni, outro pensador de peso, Rubbo recuperou algumas questões para a recepção controversa de Mariátegui no continente.

Por ter enfrentado muito mais o tema da recepção, o leitor do texto de Rubbo se situará muito mais nos anos 60, 70 e 80 do século XX, do que na conjuntura da própria escrita Mariáteguiana. Apesar disso, poderá conhecer um pouco melhor a vida e a obra de Mariátegui com um conjunto completo de informações a respeito da história de sua vida. Os intelectuais e suas seleções analíticas são o sujeito do texto de Rubbo, o que lhe exige uma direção metodológica: ao narrar a disputa de versões da sociologia dos intelectuais, o autor nos revela as condições sociais e políticas da produção dessas ideias. Podemos dizer, então, que o seu livro não se destina àqueles e àquelas que ainda não tiveram acesso às obras de Mariátegui, mas descortina, de antemão, elementos fundamentais do seu impacto intelectual, movendo o olhar dos interessados e interessadas no tema. Sua principal argumentação toma como foco a circulação dos textos de Mariátegui em alguns circuitos regionais das Ciências Sociais, se pautando no fluxo transnacional. Tal circunstância nos leva, inclusive, a pensar se a divulgação e a relevância dos supostos que defendeu Mariátegui não teriam sido forjadas em movimentos intelectuais pontuais, o que pode ser visto positivamente.

Alcançados em arquivos, bibliotecas e em entrevistas, o livro explora um pouco sobre a vida e a trajetória de Mariátegui, como a história do pensamento de cada um dos autores escolhidos. Nesse sentido que, a despeito do que sugere o próprio autor, que defendeu não estar elaborando uma nova leitura interpretativa sobre Mariátegui, encontramos a visão de Rubbo através da síntese de suas escolhas. Percebemos as críticas que foram feitas por Rubbo às formas de recepção e entendimento dos textos de Mariátegui, quando acompanhamos como o autor adentra o universo das oposições ao que foi interpretado como “eurocentrismo”.

O ponto alto de sua abordagem, apresentado já no primeiro capítulo, é desenvolvido até o final do texto. Na segunda parte, o Brasil surge então, dentre as questões do autor, no contato com intelectuais que vieram do exílio e buscaram algumas respostas para a formação social latino-americana. Na terceira parte, as comparações entre Florestan Fernandes e Mariátegui são ensaiadas, a partir de uma reflexão sobre as principais obras dos dois autores, um exercício que se torna extremamente interessante, mas não ganha fôlego. Michel Lowy, engajado na discussão da Revolução Permanente, se tornou um

dos objetos bastante ricos na narrativa, com interesses que foram reativados a partir de novas problemáticas sobre as lutas sociais.

Ocorre assim um debate direto de Rubbo com a trajetória de Aníbal Quijano, intelectual peruano apresentado como precursor das ideias da crítica ao colonialismo teórico na América Latina, que veio do interior da influência Mariáteguiana e marxista de pensamento. Ao apresentar ao leitor um conjunto de intelectuais que fundamentaram a recepção dos estudos sobre grupos subalternos – a partir da via crítica ao colonialismo – Rubbo destacou que nem sempre os marxistas fugiram a esta crítica. Pelo contrário, nomes como o de Aníbal Quijano poderiam ter figurado como conectores chave para o conjunto de oposições da colonialidade, já que como leitor e divulgador de Mariátegui, o próprio Quijano fundamentou a crítica com um marxista. A divergência era originada nas heterodoxias da leitura, que abriram inúmeras vias, pois, em fases diferentes, Quijano pareceu tender mais ao terreno marxista, nos anos 1970, porém seu objetivo crítico era direcionado de forma mais geral à América Latina e a “modernidade” e não à alimentação teórica do marxismo em si. Responsável pela recepção crítica, ao lado de José Aricó, Aníbal Quijano consolidou um Mariátegui heterodoxo, promovendo uma reativação crítica do marxismo.

A conjuntura foi favorável devido à facilitação técnica da circulação de livros e o investimento da família de Mariátegui. É nesse momento que a seleção feita para a produção de títulos termina por colocar outro conjunto de seus textos no subterrâneo. Mas a edição não explica tudo, como bem defendeu Rubbo. São as lutas da esquerda, as tentativas de maior aproximação dos partidos com as lutas de camponeses e a repercussão das lutas guerrilheiras que empolgaram novas gerações de leitores nos anos 1970, no Peru. Até a dissolução da Nova Esquerda Peruana e a ascensão do Sendero Luminoso, era comum que as versões sobre Mariátegui fossem altamente discutidas pelos peruanos. A tese de Rubbo mostrou que essa “fama póstuma” ocultava recepções desiguais, um símbolo de letramento e um embate no campo da esquerda, elaborados a partir do valioso capital simbólico adquirido. Isso significa que a “nova esquerda” também exercitava essa apropriação no calor da luta, algo discutido por Alberto Flores Galindo, que questionou a possibilidade do anacronismo dessa repercussão.

Do debate “interno” para os mais diversos, como aquele que partiu da presidência Alvarado (Velasco Alvarado, 1968-1975) – que promoveu um conjunto de reformas durante a ditadura no Peru, reconhecendo Mariátegui como uma espécie de “herói” de um processo revolucionário em curso, assim

verificamos mais um pouco dessa diversidade e seus impactos. Da Nova Esquerda à ditadura, do Sendero Luminoso à mídia internacional, os “intelectuais engajados” foram os responsáveis pelas leituras Mariáteguistas promovidas nos anos 1970.

Quijano, próximo às ideias trotskistas e do POR (Partido Operário Revolucionário) peruano, fruto do anti-stalinismo da época, resolveu trilhar um percurso próprio e se afastou também da Quarta Internacional, fundou o MRS – Movimento Revolucionário Socialista, ao retornar do exílio no México, juntamente com Júlio Colter, em 1973. Sua biografia revela uma relação das publicações com sua vida política, como o prefácio que foi escrito para a edição de “Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana”, obra mais conhecida de Mariátegui, em 1979. Naquele momento, a aliança entre a formação do próprio proletariado e a vida de Mariátegui, segundo Rubbo, foi o percurso escolhido por Quijano para apresentar o intelectual “Amauta” para os leitores e inaugurou o ponto de vista reproduzido em outras edições e pesquisas. Ali, a Biblioteca de Ayacucho também sustentou uma imagem de Mariátegui como fundador do marxismo latino-americano. Com toda a familiaridade de Rubbo com os estudos sobre Aníbal Quijano em sua pesquisa, e, de acordo com seu método de abordagem, surpreende-nos que Rubbo venha a questionar a ausência de neutralidade em Quijano.

Segundo o próprio Rubbo, Quijano queria disputar uma “verdade” a respeito da obra de Mariátegui, assimilando uma distinção entre interpretações práticas e uma (não) existência de uma proposta epistemológica no marxismo para o uso de Mariátegui. Esse talvez seja o principal ponto da análise de Rubbo, na qual o primeiro também está disputando um lugar ao Sol, como leitor de Mariátegui. Divertidamente, essa é uma tarefa que Rubbo nega, levando o leitor, ou leitora, a perseguir essa resposta. Seu lugar no debate entre os marxistas e os “revisionistas” parece estar naquele que busca uma conciliação entre o pensamento Mariáteguiano, a diversidade de suas interpretações e o primeiro, de forma crítica.

A história da produção editorial apresentada por Rubbo também é convocada à cena da circulação das ideias Mariáteguianas na América Latina, ainda mais particularmente, no caso da família de Mariátegui, que foi proprietária de uma empresa do gênero e responsável por iniciativas de organização e distribuição de seus textos. Com base na percepção de Michel Lowy sobre os intelectuais, ele observa que os intelectuais não são uma classe em si, mas não se descolaram das relações sociais fundamentais e nem atuaram sobre a mesma diretamente, dado as intercalações da sua relativa autonomia. Esses, buscaram responder à crise social e política na qual estavam, na década de

1960, por exemplo, o que não foi diferente do que ocorreu com Mariátegui, a sua época.

O tema da transnacionalidade no terreno das pesquisas sobre a história intelectual é bastante explorado por Rubbo, que percebe as redes de publicações e os exílios. Um exemplo está no acompanhamento da vida de José Aricó, diretor e entusiasta de diversas publicações no final da década de 70 e anos 80. Aricó também fez uma refinada busca pelas influências intelectuais de Mariátegui e como selecionou suas bases teóricas. O argentino distingue Mariátegui como um heterodoxo, cuja perspectiva se assemelharia à de Gramsci na construção do marxismo pela via da realidade nacional. A associação é constatada, inclusive, no fato de que, leitores e leitoras atentas ao pensamento de Antônio Gramsci leram Mariátegui no Brasil.

Para Rubbo, as rotas que fizeram Mariátegui chegar à Europa não são fruto de sua “genialidade”, mas das vias que foram abertas, sobretudo, por questões políticas. Porém, assim como a política cultural da Revolução Cubana divulgou Mariátegui, sujeitos “particulares” e interessados no autor, investiram em edições. Esses estudos são feitos com base em correspondências, material de circulação das editoras, e seus “empreendimentos editoriais”, a política de produção de traduções. Assim a produção e a difusão das ideias, um tema tão caro na história intelectual e na história do livro e da leitura, apareceu com facilidade em Rubbo. O autor possibilitou um acesso ao circuito de publicações de manuscritos no México, Chile, Cuba, Uruguai, Brasil, Venezuela, que chegaram e deram passagem aos interesses de divulgação dos trabalhos de José Carlos Mariátegui.

As analogias entre o acolhimento do pensamento de José Carlos Mariátegui e as acomodações de outros autores com trajetória semelhante mostram como itinerários podem ser construídos de formas distantes. Essa tarefa parece ser fundamental, uma vez que as ideias de Mariátegui serviram de fôlego para os rumos das lutas sociais na Bolívia e no Peru, apresentando interpretações ricas para outras situações no continente. O livro de Rubbo nos permite o acesso aos argumentos que criam disputas entre a apropriação do pensamento decolonial que separaria Mariátegui do marxismo e da delimitação de suas bases teóricas, uma excelente contribuição para o entendimento das fissuras ocorridas nesse processo.

Recebido em 05 de agosto de 2024
Aprovado em 06 de fevereiro de 2025